

ENTREVISTA ENTREVISTA

“As empresas que integram a sustentabilidade no seu núcleo são mais resilientes e competitivas”

Isabel Barros, administradora da Sonae MC (Modelo e Continente), preside, desde abril de 2024, ao consórcio GRACE - Empresas Responsáveis, em representação da SONAE SGPS. A única portuguesa na lista dos 100 melhores responsáveis de sustentabilidade da Europa, considera que demonstrar como o sucesso financeiro está ligado a práticas sustentáveis é o caminho para minar a resistência que ainda subsiste em algumas empresas à incorporação das metas ESG (governança ambiental, social e corporativa) na gestão. A boa notícia é que o interesse pela formação em ESG e pela partilha de boas práticas entre empresas continua a aumentar, como prova o número crescente de associados do GRACE, cuja missão é ajudar os gestores a melhorarem a governança ambiental, social e corporativa das respetivas empresas.

Textos **Susana Marques** smarques@ccile.org Fotos **DR**

Ações de formação para melhorar a literacia relativa aos temas ESG dos gestores, grupos de discussão sobre diferentes aspetos, partilha de boas práticas, bem como advocacia para a necessária evolução legislativa estão entre as tarefas que têm vindo a ser dinamizadas pelo GRACE-Empresas Responsáveis, desde que foi criado, em 2000. Agregando empresas públicas e privadas interessadas em promover e implementar boas práticas de ESG (environmental social and governance ou, governança ambiental, social e corporativa, na versão portuguesa), o organismo arrancou por iniciativa da BP Portugal, da HBI, da IBM, da Inapa, da McDonald's, da PEC, da Xerox e da FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento). O número de associadas nunca parou de crescer, como nos revela a atual presidente do GRACE, Isabel de Barros.

Como começou o ESG para si enquanto gestora? Quando se deu conta da forma como estas vertentes estão

todas interligadas na sua atividade e como as foi trabalhando ao longo dos anos, ao ponto de já ter vencido prémios por isso e chegar à lista dos 100 finalistas dos CSO Awards 2025 da Europa?

O percurso na Sonae foi fundamental, uma vez que no Grupo sempre existiu a preocupação de integrar as diferentes dimensões da

prémios e a nomeação para os CSO Awards 2025 refletem o trabalho conjunto de equipas empenhadas em transformar a sustentabilidade numa vantagem competitiva.

Considera que ainda há alheamento ou mesmo negação por parte dos responsáveis das empresas relativamente às questões ESG, em Portugal? Como se combatem esses travões à evolução? Como se evangelizam os gestores neste contexto?

Embora tenhamos observado avanços muito significativos em Portugal, ainda há gestores que veem a sustentabilidade como um custo e não como um investimento, apenas como um risco a mitigar e não como uma oportunidade a potenciar. Essa resistência decorre, muitas vezes, do desconhecimento ou da pressão por resultados imediatos. Combatemos esses obstáculos com sensibilização, formação e demonstração de que as empresas que integram a sustentabilidade no seu núcleo são mais resilientes e competitivas. A troca de boas práticas e a criação de indicadores claros ajudam a

A nova Diretiva CSRD “exige uma abordagem mais robusta e detalhada na recolha, verificação e publicação de dados de sustentabilidade”

gestão – financeiras e não financeiras – e, consequentemente, refletir essas dimensões na estratégia e na proposta de valor dos seus negócios. O reconhecimento através de

ID: 115094667

01-01-2025

quebrar preconceitos e a mobilizar lideranças. Para isso, existem associações como o GRACE – Empresas Responsáveis, que, através da disseminação de boas práticas, da partilha de conhecimento e da sensibilização, procuram provocar e acelerar esta mudança sistémica no ecossistema empresarial português, em prol da sustentabilidade e da responsabilidade social corporativa.

Quais são dentro e fora das empresas (líderes, estruturas, legislação, ...) os maiores entraves a uma boa conduta empresarial nas áreas do ambiente, responsabilidade social e governança?

Internamente, os entraves devem-se, muitas vezes, a uma falta de visão de longo prazo e à ausência de recursos ou competências específicas para integrar a sustentabilidade na gestão. Externamente, enfrentamos desafios legislativos e regulamentares, nomeadamente no alinhamento entre regulamentações nacionais e europeias, bem como obstáculos burocráticos. É crucial simplificar processos e garantir incentivos que permitam às empresas alinhar o desempenho económico com as metas de sustentabilidade.

De que forma se poderá clarificar a noção de que o sucesso económico depende cada vez mais da boa conduta nos domínios ESG?

A melhor forma é apresentar casos concretos de empresas que obtiveram retorno positivo ao adotar práticas ESG. Relatórios de desempenho financeiro ligados a práticas sustentáveis e estudos que demonstram o impacto na atração de talento, na fidelização de clientes, no acesso a financiamento são ferramentas poderosas. A transparência e a comunicação clara também ajudam a reforçar essa ligação.



Isabel Barros
Presidente do GRACE – Empresas Responsáveis

Que novos desafios de *report* envolvem a nova Diretiva de Relatórios de Sustentabilidade Corporativa (Corporate Sustainability Reporting Directive – CSRD)?

A CSRD exige uma abordagem mais robusta e detalhada na recolha, verificação e publicação de dados de sustentabilidade. Os principais desafios são o aumento do *scope* de informação exigida, a complexidade do envolvimento da cadeia de valor, a necessidade de assegurar auditorias externas e o alinhamento com padrões internacionais como os do ESRS (European Sustainability Reporting Standards).

As empresas portuguesas (ou que operam em Portugal) estão preparadas para responder à Diretiva relativa ao Dever de Diligência das Empresas em Matéria de Sustentabilidade (CSDDD)?

Tanto em Portugal como nos restantes países da UE há ainda um importante caminho a percorrer. Muitas empresas estão em fases iniciais de preparação e a complexidade da cadeia de valor torna o cumprimento um desafio, em particular para empresas com menor número de recursos. Contudo, é fundamental reconhecer que há um esforço crescente em capacitar equipas e desenvol-

ver sistemas que integrem ESG de forma transversal.

Que leitura faz de Portugal face ao cumprimento dos ODS (17 objetivos de desenvolvimento sustentável definidos pelas Nações Unidas)?

Portugal tem mostrado progressos, mas ainda enfrenta desafios em áreas como a desigualdade social, a eficiência energética e a transição digital. É fundamental um compromisso coletivo mais forte entre Governo, empresas e sociedade para acelerar o ritmo e cumprirmos as metas da agenda 2030.

Como aceleraria a implementação destes objetivos?

Destacaria três alavancas para potenciar esta aceleração: a educação e a sensibilização da sociedade civil, fundamentais para criar uma pressão positiva; a simplificação das regulamentações e das parcerias público-privadas que promovam projetos alinhados com os ODS; e o alargamento dos incentivos fiscais para práticas sustentáveis.

Que trabalho tem o GRACE desenvolvido com as empresas públicas?

No GRACE, temos promovido ações de formação, desenvolvimento de estratégias de ESG e integração de boas práticas para empresas públicas e privadas, de várias dimensões e setores de atividade. A colaboração com estas entidades é essencial, pois têm o poder de liderar pelo exemplo e influenciar positivamente o tecido empresarial. Para além disso, temos feito uma aproximação às associações empresariais, comerciais, industriais e setoriais, de forma a conseguirmos alcançar um maior número de empresas, nomeadamente micro e PME.

As componentes ESG são devidamente incorporadas nas decisões de investimento, na avaliação de oportunidades de investimento das empresas em Portugal?**Isabel Barros: da psicologia à liderança, em prol da sustentabilidade**

Na Sonae MC (Modelo e Contínente), Isabel Barros é a administradora executiva responsável pelos pelouros de Pessoas, Transformação, Sustentabilidade e Comercial Bazar (Não Alimentar). O seu empenho e desempenho nestes domínios já lhe valeu, em 2019, o prémio “Global Leading Women Awards”, na categoria “Excelência”, pelo seu contributo relativo aos ODS, atribuído pelo World Business Council for Sustainable Development (Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável). Foi recentemente reconhecida como uma das 100 *chief* Sustainability Officers (CSO) mais influentes da Europa, integrando a lista de finalistas dos CSO Awards 2025 (organizados pelo Futur/io, instituto de inovação sustentável e liderança na Europa, estes prémios distinguem os líderes visionários em Sustentabilidade Corporativa, cujos nomes serão divulgados a 20 de janeiro no

Fórum Económico de Davos).

Na qualidade de representante da Sonae SGPS, Isabel Barros foi eleita, por unanimidade, presidente do GRACE, em abril de 2024, para o triénio 2024-2026, sucedendo a Margarida Couto, nossa entrevistada em junho de 2023.

Antes de presidir ao GRACE, Isabel Barros foi vice-presidente da BCSD (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável), entre março de 2019 e março de 2024, e da comissão executiva da CIP (Confederação Empresarial de Portugal), entre março de 2020 e março de 2023. Foi ainda presidente da APED (Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição), entre abril de 2019 e março de 2023.

A gestora é licenciada em Psicologia, pela Universidade do Porto, e possui um MBA Executivo, pela EADA Business School Barcelona e pela Nagoya International School Japan.



Foto: Miguel Brilhante

Diria que esta é uma das áreas que requer maior evolução, uma vez que a dificuldade reside, desde logo, na monetização dos diferentes tipos de impactos. O carbono e a ação climática serão, provavelmente, a dimensão mais incorporada, tendo já ferramentas, cenários e *frameworks* já bastante desenvolvidos, o que permite potenciar a sua adoção pelas empresas e investidores.

Em que setores está a competitividade das empresas portuguesas mais comprometida, tendo em conta que podem estar a competir com empresas não europeias que não estão obrigadas a implementar práticas ESG e a reportar sobre isso?

Diria que o que poderá ter um impacto mais preponderante na competitividade não será a necessidade de reporte, que aumenta a burocracia e reduz a agilidade das empresas, mas sim as altera-

“É fundamental um compromisso coletivo mais forte entre Governo, empresas e sociedade para acelerar o ritmo e cumprirmos as metas da agenda 2030”

ções que, no âmbito desta visão macro da UE para a transição verde, influenciam os requisitos que as empresas terão de cumprir para garantir a sua licença para operar. Naturalmente, esta é uma perspetiva de curto prazo, uma vez que sabemos que esses são fatores fundamentais para potenciar a resiliência a médio e a longo prazo.

A anterior presidente (Margarida Couto) informou-nos, em junho de 2023, que o GRACE agregava 270 empresas e que nos últimos anos tinham entrado muitas novas associadas...

É verdade e continuamos a crescer, estando neste momento com cerca de 350 associados. Este aumento reflete a relevância crescente das práticas ESG e o reconhecimento de que o GRACE é um parceiro estratégico na capacitação e no suporte às empresas para enfrentar desafios de sustentabilidade. Apresentámos no passado dia 9 de dezembro, em assembleia geral, o nosso plano de ação e orçamento para 2025 – tendo sido os dois aprovados por unanimidade – o que vem comprovar que continuamos no caminho certo, indo sempre ao encontro das necessidades atuais dos associados. ■

ID: 115094667

01-01-2025

